



Vol. 2 nº 3 jan./jun. 2007

p. 89-96

## UMA EXPERIÊNCIA COM A LÍNGUA ESPANHOLA NO ENSINO FUNDAMENTAL

*Fernanda Cristina Couto<sup>1</sup>*

*Luciane Wathier<sup>1</sup>*

*Any Lamb Fenner<sup>2</sup>*

*UNIOESTE*

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo relatar uma experiência com o ensino de língua estrangeira, especificamente, de língua espanhola, com um grupo de crianças de 3ª série do ensino fundamental de uma escola pública. As atividades foram desenvolvidas em forma de oficina com uma duração de aproximadamente quatro horas. Esse relato descreverá os objetivos propostos e alcançados, versará sobre as leituras que deram suporte teórico-metodológico ao trabalho realizado e citará alguns exemplos de sugestões, comentários e a participação como um todo dos participantes. Trabalhando com textos, contos ou histórias infantis já conhecidos pelos alunos, a oralidade era priorizada e a linguagem transitava entre a língua portuguesa e a língua estrangeira durante todo o período da realização da atividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua estrangeira; séries iniciais; leitura/oralidade

### A FOREIGN LANGUAGE EXPERIENCE IN THE FIRST GRADES

**ABSTRACT:** The present article aims at reporting an experience with a group of children of the third grade of the basic education public school, in the process of learning a foreign language – more specifically, Spanish. The activities were developed as a workshop which lasted approximately four hours. This paper will describe the objectives of the workshop and the theoretical-methodological basis for the experience. It will also mention some examples of suggestions and comments, as well as the participation of the students as a whole. Working with short stories and fairy tales already known by the pupils, the orality was prioritized and the language transited between Portuguese (first language) and Spanish (foreign language) during the development of the activity.

**KEY-WORDS:** foreign language, first grades; reading/orality

## INTRODUÇÃO

As reflexões deste trabalho baseiam-se em experiências com o ensino de língua espanhola numa escola situada num bairro de Cascavel, tendo como público alvo crianças da 3ª série, na faixa etária de 9 e 10 anos e de nível sócio-econômico relativamente baixo. O estágio foi realizado no ano de 2005, compreendendo quatro horas de observação, no mês de agosto, e quatro horas de aplicação de oficina, no mês de setembro. A oficina foi oferecida em contra-turno.

No decorrer deste artigo, objetivamos relatar algumas de nossas experiências deste primeiro contato com alunos, como professoras de língua espanhola, ao mesmo tempo em que refletimos sobre a importância de se ensinar uma língua estrangeira nas séries iniciais.

A seleção do material utilizado deu-se após um encontro com o coordenador e a professora das séries em questão, resultando em uma proposta de se trabalhar com contos e histórias infantis. Assim, selecionou-se o conto intitulado *O chapeuzinho vermelho*, já conhecido pelos alunos, favorecendo, desta maneira, o desenvolvimento das estratégias de leitura que acionassem o conhecimento de mundo dos alunos. Em todo o trabalho, priorizou-se a leitura e a oralidade em língua espanhola, porém sem impor a utilização exclusiva da língua-alvo, mas apenas proporcionando momentos em que se poderia utilizá-la. Dessa forma, foi possível deixar os alunos interessados pela língua-alvo, sem que se sentissem intimidados em utilizar a língua espanhola. Isso foi possível perceber pela vontade que as crianças mostravam não só de se comunicar utilizando a língua espanhola sempre que possível, como também de auxiliar os colegas quando estes apresentavam alguma dificuldade.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na sociedade contemporânea, a exigência do conhecimento de uma língua estrangeira já é do conhecimento de todos. Dessa forma, a inserção do ensino de uma língua estrangeira nas séries iniciais está sendo cada vez mais defendida pelos estudiosos da área, talvez pelo fato de muitos pesquisadores defenderem a teoria de que as crianças, em relação aos adultos, possuem mais vantagens na aquisição de uma segunda língua.

Entre os textos e documentos que defendem essa inserção da língua estrangeira no currículo escolar, vale destacar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por serem esses os referenciais teóricos mais conhecidos pelos professores de língua estrangeira. Porém, antes de nos reportarmos a esses documentos, é necessário lem-

brar que eles estão direcionados ao terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Embora nossas experiências tenham sido realizadas com alunos do segundo ciclo, utilizamos tais documentos com o propósito de refletir sobre a importância da aprendizagem de uma língua estrangeira, não enfocando uma série em particular.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 19), “a aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão (...). Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem”, oportunizando-a a todas as pessoas, independente de sua classe econômica. No entanto, esse ensino deve ter sua continuidade e sustentabilidade assegurada para que, dessa forma, o aluno consiga realmente assimilar a língua. A importância dessa aprendizagem reside no fato de que, de acordo com os PCNs,

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda (o aluno) a aumentar sua autopercepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade (fatores sociais que caracterizam a vida de outras pessoas em comunidade), pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social. (BRASIL, 1998, p. 18).

Dessa forma, ao estudar uma outra língua, a criança é conseqüentemente exposta a visões diferentes de sua própria cultura, ampliando o seu conhecimento de mundo e tendo a oportunidade de interpretar o mundo de diferentes formas. Nas palavras das professoras-pesquisadoras Lamb Fenner e Corbari (2005), o ensino da língua estrangeira propicia o desenvolvimento intelectual, e ainda é uma forma de ampliar o conhecimento do aluno no que se refere aos aspectos geográfico e histórico-social.

É importante ressaltar que, ao se estudar uma segunda língua, novos conhecimentos sobre a língua materna são assimilados. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 28-29), isso ocorre porque a aprendizagem de uma língua estrangeira permite “aumentar o conhecimento sobre linguagem que o aluno construiu sobre sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira em vários níveis, possibilitando que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, se constitua um ser discursivo no uso de uma língua estrangeira”. No entanto, nem sempre a escola está preparada ou o professor possui conhecimentos suficientes para esse ensino.

Sabe-se que, para uma aprendizagem satisfatória da língua estrangeira, o aluno deve ter o domínio das quatro habilidades (ler, escrever, falar, ouvir). No entanto, se consideramos nosso contexto atual, percebemos que as escolas não têm condições de garantir todo esse conhecimento a seus alunos, devido a fatores

como falta de material (principalmente lúdico), falta de professores capacitados, turmas numerosas e carga horária reduzida. No caso específico do ensino da língua espanhola, seu ensino faz parte da grade curricular apenas em algumas escolas de séries iniciais, contando com uma carga horária semanal ainda mais reduzida. A partir da 5ª série, o ensino dessa língua é ofertado aos alunos apenas através do CELEM (Centro de Estudos de Língua Estrangeira Moderna), por meio de um curso com duração de dois anos, oferecido gratuitamente aos alunos em horário de contra-turno.

Devido a todas essas deficiências apontadas acima, os PCNs defendem o foco no ensino da leitura, pois é essa a única habilidade que atende às necessidades educacionais e que o aprendiz pode usar em seu contexto social imediato, mesmo após o término do curso (cf. BRASIL, 1998, p. 20). No entanto, não concordamos totalmente com as justificativas apresentadas pelos PCNs, pois a experiência com o ensino da língua estrangeira mostra que há uma grande expectativa por parte da criança em falar, em comunicar algo na língua-alvo, mesmo que sejam enunciados básicos e restritos a poucas ocasiões. Por essa razão, optamos por trabalhar, durante a realização de nossa oficina, não só com a leitura, mas também com a oralidade em língua espanhola, visando a atender essa expectativa dos alunos.

## 2. RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

Antes de realizarmos a oficina, fomos, juntamente com outros colegas de classe, conhecer o Centro Social. Assim, foi-nos proporcionado um primeiro contato com os alunos e com a equipe pedagógica, e tomamos conhecimento da estrutura física da instituição. Realizada essa etapa de reconhecimento do ambiente e do público-alvo, passamos à etapa seguinte, que foi a aplicação do projeto.

Para que os alunos se sentissem em um ambiente familiar, iniciamos a oficina com uma dinâmica em que, tanto nós quanto os alunos, andávamos pelo saguão e cantávamos uma pequena música em espanhol, ensinada previamente a eles, e, quando esta terminava, os participantes eram solicitados a interagir, em pares, com os colegas, procurando obter deles algumas informações pessoais. Após cantarmos a música algumas vezes, conversamos um pouco com os alunos e pedimos a eles que nos contassem alguma coisa sobre o colega, mas sempre lembrando que eles poderiam se comunicar em sua língua materna.

Essa música apresenta uma letra fácil de ser cantada, própria para alunos que estão em fase inicial de aquisição da língua espanhola e, por isso, pôde se tornar em uma atividade concreta, ou seja, as crianças conseguiram fazer algo com

a língua alvo. Schütz (2005) explica que, para a criança, isso é muito importante durante o estudo de uma segunda língua, pois a cognição das crianças necessita especialmente das experiências concretas, que apresentam um maior significado.

Também em Titone (1976, p.157) encontramos respaldo: “a criança aos oito anos possui grande interesse no conhecimento sobre outros povos, distantes de seu país”. Apesar desse autor se referir especificamente a crianças de oito anos, baseamos-nos em seus estudos por perceber que as crianças com as quais estávamos trabalhando não possuíam conhecimento nenhum da cultura dos outros países e, em especial, a dos *hispanohablantes*, nosso foco de trabalho. Assim, elas se mostravam muito interessadas no que falávamos sobre o Outro, ou seja, sobre a cultura hispano-americana.

Na aprendizagem de uma língua estrangeira, deve-se, além de ensinar a língua, também a cultura do país, considerando sempre os princípios que o estudo ou conhecimento da cultura do outro não deve sobrepor-se, em hipótese alguma, o da cultura da língua materna, mas deve, sim, favorecer um enriquecimento cultural do aprendiz. De acordo com os PCNs, isso é fundamental, pois,

Ao se entender a linguagem como prática social, como possibilidade de compreender expressar opiniões, valores, sentimentos, informações, oralmente e por escrito, o estudo repetitivo de palavras e estruturas apenas resultará no desinteresse do aluno em relação à língua, principalmente porque, sem a oportunidade de arriscar-se a interpretá-la e a utilizá-la em suas funções de comunicação acabará não vendo sentido em aprendê-la. (BRASIL, 1998, p. 54).

Considerando isso, com o auxílio de um mapa, comentamos sobre os principais países que possuem o espanhol como língua oficial, apresentando aspectos das culturas destes. No entanto, como priorizávamos o trabalho com a leitura e oralidade da língua espanhola, concentramo-nos em nosso foco: trabalhar com contos e histórias infantis em língua estrangeira.

Utilizamos o conto infantil *Chapeuzinho Vermelho*, já conhecido pelos alunos na sua língua materna. Tal escolha se baseia no pressuposto de que, sendo o tema já conhecido pelos alunos, o processo de leitura de língua estrangeira se torna mais eficaz. Quando tanto o tema quanto os elementos lingüísticos são desconhecidos pelos alunos, o processo pode apresentar algumas dificuldades para o aluno, já que ele precisa lidar com dois aspectos simultaneamente: o conteúdo do que está sendo dito, e a forma em que esse conteúdo se apresenta.

O conto foi dividido em duas partes para, dessa forma, oportunizar aos alunos a discussão e a criação de uma nova versão para a história. Apresentamos a primeira parte, ou seja, até o momento em que o Lobo encontra Chapeuzinho na

floresta e ela lhe responde com pouca educação. Por meio de questionamentos aos alunos, buscamos acionar o conhecimento da história de Chapeuzinho Vermelho, estimulando os alunos à participação.

Na seqüência, solicitamos aos alunos que escrevessem e/ou ilustrassem sua versão da história, ou ainda que a conservassem tal qual se encontra no original, conforme lembrassem. Somente depois de concluída esta atividade, apresentamos a versão original e comentamos a “moral da história”, comparando a versão levada por nós àquela escrita pelos alunos e provocando comentários em que eles fizessem um julgamento, defendendo ou o Lobo ou a Chapeuzinho Vermelho.

No decorrer dessa atividade de escrita, pudemos realmente perceber o interesse dos alunos pela língua espanhola, pois, mesmo tendo ficado claro que poderiam escrever e falar tanto em português quanto em espanhol, muitos alunos preferiram utilizar a língua estrangeira e pediam auxílio para escrever aquilo que não conseguiam. Incentivamos, então, a leitura dos textos feitos pelos alunos e exposição de seus desenhos, momentos em que muitos queriam participar e expor suas idéias e/ou desenhos, alguns utilizando o espanhol, outros, o português.

Tal qual esperávamos, houve plena participação das crianças, possibilitando a dramatização do conto, que foi o ponto alto da oficina. O auditório da escola constituiu um ambiente propício para acolher todas as demais crianças que estavam participando de atividades em contra-turno na escola. O conto foi encenado em uma versão diferente daquela que os alunos conheciam. A dramatização foi feita, em um momento inicial, na língua espanhola por nós, professores, devidamente caracterizados para os papéis. Porém, como nesta faixa etária o aluno está capacitado para aprender, escutar, e se comunicar em situações lúdicas como a dramatização (cf. TITONE, 1976), convidamos alunos para interpretarem alguns papéis. Dessa forma, os alunos puderam se inserir e participar ativamente da história, como se pode observar nas fotos abaixo. A primeira foto mostra o momento em que o lobo encontra a vovó, e a segunda mostra a Chapeuzinho Vermelho e o Caçador em momento posterior à apresentação.



Foi interessante também perceber que os próprios alunos ajudavam-se entre si. Durante a realização de uma dinâmica em que o gorro da Chapeuzinho Vermelho ia passando de criança em criança enquanto tocava uma música e, quando esta parava, o aluno que estava com o gorro na mão deveria dizer uma palavra em espanhol, observávamos que algumas crianças não sabiam o que dizer e eram auxiliadas pelos colegas até que lembrassem de alguma palavra. Além disso, havia outras que tentavam segurar o gorro na mão por mais tempo para falar em espanhol, demonstrando muita vontade em aprender melhor esta língua. Isso confirma que as crianças geralmente se expõem muito mais, aceitam melhor a condição de aprendiz, ou seja, aceitam os desafios que o desconhecido lhes impõe, considerando-se o clima de compreensão que se estabelece entre os colegas e entre colegas e professores.

Além disso, levamos a música infantil *A mi burra* cantada em espanhol para propiciar-lhes contato também com músicas. Esta foi tocada em CD e cantada pelos acadêmicos-professores, e acompanhada com muito entusiasmo pelas crianças, que cantaram junto e quiseram ouvi-la por várias vezes. Foi um momento em que pudemos trabalhar também com a pronúncia, considerando que, em espanhol, o fonema /Y/ da palavra *burra* é pronunciado com vibração, de forma diferente da língua portuguesa. Assim, os alunos demonstravam interesse e não se cansavam de repeti-la, por iniciativa própria, para obterem mais sucesso.

Cabe reforçar que, durante o desenvolvimento das atividades, procurava-se a comunicação com os alunos na língua espanhola, porém a língua materna mediava a compreensão durante todo o processo. Dessa forma, propiciou-se um ambiente em que procurávamos nos expressar o máximo possível em espanhol, utilizando pequenos comandos, valendo-nos de cognatos, palavras-chave, recursos visuais e gestuais, enquanto o aluno ouvia e utilizava as estratégias de leitura para a devida compreensão e interação. Assim, a linguagem transitava entre o português e o espanhol, oportunizando à criança a interlocução sempre que ela se sentisse confortável para se manifestar e interagir com os professores e colegas. Percebemos então, o quão importante é o ensino da língua estrangeira nas séries iniciais, pois as crianças queriam utilizar a língua espanhola durante as atividades e tentavam transitar entre uma e outra língua, arriscando a escrever e falar, mesmo tendo ainda pouco conhecimento desta.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências obtidas com essa oficina permitiram a nós, alunas-professoras, conhecer um pouco mais do que é ser professor, porém considerando que este foi apenas um primeiro contato com alunos na função de docente. Mesmo

assim, foi possível perceber que estar em sala de aula é uma tarefa bastante complexa, que exige muito mais que uma graduação: exige experiência, sabedoria, coragem e muito amor, não só pela profissão, mas pelos alunos que, apesar de muitas vezes se mostrarem indisciplinados e rebeldes, são na verdade pessoas que precisam do apoio, da atenção e do carinho de nós professores. Durante o período de realização desta oficina, estivemos em contato com crianças, muitas delas carentes, que nos despertaram ainda mais o desejo de sermos professoras. Elas nos ensinaram que ser professor é também parar e olhar para cada um deles, dedicando-lhes carinho, respeito e atenção. E à medida que dedicávamos a eles tudo isso, obtínhamos respostas muito positivas.

Além disso, pudemos perceber também a importância do contato com a cultura e a língua do outro para as crianças, o que nos permite dizer que é de grande relevância a inserção e obrigatoriedade do ensino de uma segunda língua já no início do ensino fundamental, sempre com o cuidado de se abordar também características da cultura dos povos que falam a língua-alvo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

LAMB FENNER, Any; CORBARI, Alcione Tereza. O conhecimento prévio do aluno: um alicerce para a aprendizagem significativa de língua estrangeira. In: **Tempo da Ciência: Revista de Ciências Humanas e Sociais / Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIOESTE**. Campus de Toledo – v.12, n.24., 2º semestre de 2005, p. 09-15.

SCHÜTZ, Ricardo. **A idade e o aprendizado de línguas**. Disponível em <<http://www.sk.com.br>>. Acesso em 30 de Agosto de 2006.

TITONE, Renzo. **Psicolingüística aplicada: Introducción a la didáctica de las lenguas**. Editorial Dapelusz, 1976.

## NOTAS

<sup>1</sup> Graduandos da Unioeste.

<sup>2</sup> Orientadora da pesquisa. Professora do Curso de Letras da UNIOESTE. E-mail: [anylamb@uol.com.br](mailto:anylamb@uol.com.br).